

QUEM SÃO OS ALUNOS QUE VENCEM O PERCURSO ESCOLAR NUMA ESCOLA PÚBLICA DE PRESTÍGIO? O CASO DO COLÉGIO PEDRO II

GALVÃO, Maria Cristina da Silva – PUC-RJ – mariacristina22@gmail.com

GT: Sociologia da Educação / n.14

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Dados estatísticos contabilizados pelo Censo Escolar 2006 revelam 55 942 047 estudantes atendidos em todos os níveis e modalidades de ensino da educação básica em nosso país.

No ano de 2005 as escolas da educação básica mantidas pelas três esferas do governo atendiam a 49 040 519 estudantes, 87% do total. Todavia, além de não termos a universalização assegurada nestes níveis de ensino, nos deparamos com dados preocupantes no que se refere à permanência dos alunos no sistema escolar:

- Em 2004 tivemos 4 363 909 estudantes reprovados no ensino fundamental, um percentual, portanto, de 13%, além de 2 648 326 (7,8%) afastados por abandono. No ensino médio a situação foi mais preocupante porque as taxas de rendimento revelam que 10,43% dos alunos foram reprovados e 15% abandonaram a escola antes do final do ano letivo.

- Em 2005 comparando os totais de “entrada” e saída” do ensino fundamental regular, constatamos que 34% dos alunos “somem” do sistema escolar. Para um total de 4 816 489 de alunos matriculados na 1ª série, somente 3 180 616 chegam à 8ª série, ou seja, 1,6 milhões de estudantes não completam anualmente o percurso escolar obrigatório.

- Ainda em 2005, no ensino médio, para 9 031 302 matrículas, tínhamos 4 261 841 alunos acima dos 18 anos, ou seja, 47% dos estudantes estavam fora da faixa etária.

Sabemos que o sistema público não facilita o fluxo escolar, e os dados destacados despertam nossa atenção para o fato de uma grande instituição pública oficializar o processo de exclusão através da jubilação: o Colégio Pedro II.

O Colégio Pedro II¹, a maior escola pública brasileira no atendimento ao ensino fundamental² e médio, com 11248 estudantes (em 2007), aplica desde os seus primórdios

¹ O C. Pedro II foi fundado em 2 de dezembro de 1837 (data escolhida por assinalar a passagem do aniversário natalício do segundo imperador do Brasil) e na maior parte de sua existência atendeu as séries correspondentes ao antigo ginásio e atual ensino médio. Atualmente, o ingresso de alunos dá-se na 1º ano (antiga classe de alfabetização), na 6º ano do ensino fundamental e na 1º ano do ensino médio. Para ingressar na 1º ano os alunos participam de um sorteio. Já na 6º ano e no 1º ano do e. médio, o ingresso se dá através de concurso.

(há 170 anos) o expediente da jubilação. Através deste processo, os alunos que repetem duas vezes à mesma série, são expulsos, isto é, jubilados do colégio. A partir de 2005³ passaram a ser jubilados somente os estudantes matriculados da 3ª série do ensino fundamental (atual 4º ano) em diante; até então poderiam ser jubilados os alunos que estivessem na classe de alfabetização, na 1ª e 2ª séries.

É fato também, que o prestígio que o colégio manteve em mais da metade do século XIX, todo o século XX e início do século XXI, o diferencia das demais escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro. Apesar da desvalorização crescente e geral do sistema público de educação básica, o C. Pedro II mantém-se numa posição de exceção. Tem sido reconhecido como uma escola de qualidade e assim permanece até os dias atuais, no imaginário social - como uma instituição que busca realizar um ensino de excelência.

Passados 147 anos da sua fundação, alunos começaram a ingressar nas classes de alfabetização através do sorteio de vagas. A pesquisa exposta neste trabalho, desenvolvido a partir da minha dissertação de mestrado, propôs-se a investigar se o centenário C. Pedro II que sempre teve a maior parte de sua clientela advinda dos segmentos mais favorecidos na sociedade, passara a viver de fato, uma experiência de democratização dos seus “bancos escolares”, visto ter adotado a partir de 1984, a admissão de alunos através do sorteio de vagas.

Esta investigação desdobrou-se em algumas questões específicas: a) Por que o processo de jubilação de alunos jamais foi objeto de pesquisa nesta sesquicentenária instituição? b) A democratização no acesso ao C. Pedro II, através do sorteio de vagas para a alfabetização, vinha sendo efetivamente ratificada na permanência dos alunos sorteados, cumprindo o percurso escolar de 12 anos oferecido por essa instituição? c) Através de que mecanismos escolares, uma parcela dos alunos sorteados saía do colégio antes de terminar a educação básica? d) O perfil socioeconômico e cultural dos alunos interferia em seu desempenho escolar e conseqüentemente na permanência ou retirada precoce do colégio?

² O ensino até a 4ª série foi iniciado há 24 anos. Em 1983, através de edital, tomou-se conhecimento do concurso público para contratar professores para atuar nas primeiras séries do antigo 1º grau. Em 1984, foi criada em São Cristóvão, a primeira Unidade Escolar I, que atenderia da classe de alfabetização a 4ª série. Esta experiência foi ampliada para as demais Unidades Escolares que passaram também a oferecer este nível de ensino: Humaitá (1985), Engenho Novo (1986) e Tijuca (1987).

³ A Portaria n.º de 01/02/2005 prescreve no seu artigo 37 que é vedada ao aluno (a partir da 3ª série do ensino fundamental) a renovação de matrícula quando for reprovado mais de uma vez na mesma série.

A relevância do estudo desenvolvido apoiou-se na reconhecida necessidade de investigar mecanismos institucionais que, presentes na dinâmica das escolas públicas, estejam propiciando a seletividade social, isto é, privilegiando um determinado tipo de segmento social em detrimento de outro. Julgamos pertinente a realização desta pesquisa na maior escola pública de ensino fundamental e médio do país, com o intuito de detectar em que medida ela sendo considerada uma escola de qualidade, alinha-se ou não às tendências de exclusão escolar que se caracterizam em nosso país através da reprovação e do abandono.

Ao buscar fontes que relatassem os primeiros processos de jubilação deste estabelecimento, fui transportada para um tempo em que uma escola pública vivia um grande esplendor. Eu queria descobrir os registros daqueles que não conseguiram trilhar com sucesso o ensino oferecido por esta escola. Mas todo aquele orgulhoso passado parecia querer lembrar o tempo todo:

Quatro presidentes da República, numerosos ministros de Estado, administradores governamentais e particulares, escritores, políticos, industriais, médicos, professores, advogados, engenheiros, diplomatas, acadêmicos, vultos ilustres de ambos os sexos, receberam no Colégio Pedro II suas primeiras luzes e nele aprimoraram o coração e o caráter (Segismundo, 1987, p. 4).

O decreto de 31 de janeiro de 1838 (com 232 artigos) aprovou os estatutos que regulariam o colégio. Para a elaboração dos estatutos Bernardo Vasconcelos (Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça) estudou e consultou os códigos dos colégios da Prússia, da Holanda e o sistema de educação adotado por Napoleão Bonaparte em 1801, que parecia mais apropriado às nossas condições (Macedo, J. M. apud Vasconcelos, Salomão de, 1937). O Ministro do Império, ouvidos o reitor e os professores, formaria o catálogo de obras a serem adotadas nas aulas. Nas salas os alunos internos ficavam separados dos externos. Mensalmente havia um concurso de lugares, os seis primeiros alunos de cada sala tinham assento distinto chamado – Banco de Honra. Havia prêmios para os alunos que eram distribuídos em reunião pública, ante o Ministro do Império ou seu comissário.

Em 21 de janeiro de 1844, o colégio ofereceu um espetáculo inédito à capital do Império, o da Primeira Colação de grau de Bacharel em Letras a oito alunos. Os premiados em cortejo foram receber as recompensas. No trono, achava-se D. Pedro II para entregar pessoalmente os prêmios aos laureados. Temos oportunidade de “visualizar” as cenas de recebimento do grau de bacharel em letras dos alunos que completavam a lenta ascensão de sete anos de curso, através do discurso proferido por Luiz D’Escragnolle Doria na sessão solene comemorativa do primeiro centenário natalício de Pedro II em 2 de dezembro de 1925:

“A festa se realizava em geral no domingo e numerosos cariocas seguiam para Rua Larga de São Joaquim, em busca do Externato Imperial Colégio Pedro II, onde se aglomerava massa de curiosos. Os bacharelados eram recebidos pela guarda de honra: (...) a infantaria comandada por um capitão, soldados em duas filas, de armas ao descanso, tenentes e alferes na frente das fileiras, bandeira ao centro, banda de música ao lado. Na rua todos ficavam com a atenção voltada para os lados do Campo de Aclamação, a espera do Imperador, vindo de São Cristóvão. Apareciam enfim os batedores de Sua Majestade, dois cadetes a galope, chicote em punho. Logo após vinha o carro imperial trazendo o Imperador e a Imperatriz, seguido por uns vinte soldados do 1º regimento de cavalaria, de espadas nuas. O casal descia do veículo ao som do Hino Nacional, dirigia-se ao salão de honra e começava a distribuição dos prêmios aos alunos mais distintos do colégio, por estudos e comportamento”.

Analisei a listagem dos primeiros 91 alunos do colégio, matriculados no ano de fundação⁴ e apenas 12 alcançaram o grau de bacharelem letras⁵, apenas 12 chegaram até o final do curso.

O que terá acontecido com os outros 79 alunos que ingressaram em 1838? Em quais matérias teriam ficado reprovados? Abandonaram o curso ou foram jubilados? O

⁴ Deste grupo, cinco eram oriundos do Rio Grande do Sul, nove de outras localidades do Rio de Janeiro, três de Minas Gerais, dois de São Paulo, um de Mato Grosso e um de Moçambique. Os outros 70 eram nascido na corte.

⁵ Dos 12 alunos que conseguiram levar a cabo o curso de sete anos no colégio, cinco eram alunos gratuitos, portanto quase a metade dos formandos. Não devem estes 12 alunos ter se formado juntos, ao final dos sete

primeiro regulamento do colégio, aprovado pelo Decreto de 31/01/1838, não se referia em nenhum artigo ao expediente da jubilação. Constatamos, no entanto, que o índice de evasão e ou repetência desta primeira turma foi de 87%.

Dezessete anos após, parece que a situação agravou-se. Ramiz Galvão que em 1937 era o mais velho dos bacharéis em letras formados no C. Pedro II, matriculou-se em 1855 aos 9 anos incompletos; eram cerca de 30 alunos ingressando no colégio. Destes, só 3 seguiram o curso integral de 7 anos e chegaram ao seu termo, segundo o autor do artigo, a severidade dos exames desbastou o resto da turma. Temos neste segundo exemplo um índice de 90% de evasão e ou repetência e conseqüente jubilação.

Quarenta e sete anos após: nas lembranças de Raul Pederneiras⁶, que estudou no colégio no período de 1884 a 1891, sua turma que tinha inicialmente cem alunos, foi diminuindo de ano para ano e chegou ao sétimo ano com apenas 13.

O pequeno recuo ao passado, exposto nos parágrafos anteriores, objetivava entender a trajetória dessa escola na história da educação brasileira e também buscar registros daqueles que não conseguiram êxito no ensino ministrado por tão valorizada instituição. Todavia, deparamo-nos com um passado apresentado de forma grandiloqüente e com a ausência de fontes oficiais que relatassem os primeiros processos de jubilação.⁷

Sendo o objetivo de a investigação elucidar os processos através dos quais ocorria a exclusão de parcela dos alunos do C. Pedro II no decorrer do seu percurso escolar, bem como o papel das variáveis socioeconômicas e culturais no desempenho escolar dos estudantes, utilizei as formulações sociológicas de Pierre Bourdieu sobre os processos escolares na diferenciação social. Mais precisamente, as reflexões sobre herança familiar e sucesso escolar a partir do conceito de capital cultural.

A noção de capital cultural é o suporte para o entendimento da associação entre desempenho educacional e a origem social dos alunos, da dinâmica, enfim, que exclui ou

primeiros anos de funcionamento do colégio, porque na Primeira Colação de Grau de Bacharel em letras (25/11/1844), só foram laureados oito alunos.

⁶ Bacharel da turma de 1892, professor de Direito Internacional.

⁷ Tirando-se as referências encontradas em crônicas de ex-alunos ao cancelamento de matrícula após a segunda reprovação, a primeira e única referência oficial que encontrei sobre o processo de jubilação, data de 1876. Em 1º de março de 1876, o Decreto no. 6130 alterou o regulamento do colégio, as alterações constavam de 56 artigos, encontrei no artigo 50 a primeira alusão ao processo de jubilação: “perderá o seu lugar o aluno gratuito que for reprovado duas vezes no mesmo ano”. O reprovado duas vezes no mesmo ano deve significar reprovado duas vezes na mesma série, e fica bem claro que só perderia a vaga, o aluno gratuito. Os pagantes poderiam continuar o curso mesmo com a repetência continuada.

limita a escolaridade das crianças que pertencem a determinados grupos sociais. Capital cultural sugere a posse de conhecimento e informações específicas, ligados à cultura considerada legítima. O sucesso na escola dependeria deste capital (que é função da classe ou grupo social a que pertence o aluno), já que o sistema de ensino tem papel fundamental na valorização da cultura dominante.

Pierre Bourdieu expõe que é no seu processo de socialização primária que as crianças adquirem um certo capital cultural e um certo *ethos*⁸ que definirão suas posturas com relação à escola e o próprio capital cultural, e considera a transmissão doméstica do capital cultural como “o mais oculto e determinante socialmente dos investimentos educativos” (Bourdieu, 1998, p. 73).

O estudo de caso desenvolvido no C. Pedro II destacou aspectos que envolviam os processos internos de seleção escolar e sua articulação com a origem social dos estudantes. Estudei situações específicas visando à reflexão sobre a eficiência, equidade e qualidade do ensino ministrado nesta instituição. Essa reflexão se baseou no cotejo dos indicadores educacionais nacionais com os indicadores de acesso e permanência de alunos no colégio.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados para responder à questão central, as questões específicas e outras que surgiram ao longo da pesquisa foram: observação, análise de documentos, questionários (explicados mais a frente) e entrevistas. Estas técnicas se complementaram, não havendo predominância de nenhuma delas.

Tentei realizar uma abordagem crítica investigando como processos sociais estão vinculados às desigualdades, analisando os aspectos históricos, as contradições, causas e conseqüências e situando o problema dentro de um contexto complexo (Alves-Mazzotti, 1998). Para tal, vários estudos foram realizados, abaixo estão explicitados alguns deles:

1º estudo) Tentando responder às interrogações suscitadas sobre a atuação do colégio frente a alunos de diferentes segmentos sociais, fiz um recuo ao passado na busca dos registros daqueles que não conseguiram êxito no ensino ministrado por tão valorizada instituição.

2º estudo) Tendo sido a Unidade Escolar São Cristóvão I, a primeira a receber alunos sorteados e a ministrar o ensino da classe de alfabetização à 4ª série, e por ser a

⁸ “Sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar” (Bourdieu, 1998, p.42). “Disposições e práticas nem sempre conscientes resultantes da experiência vivida” (Nogueira, 1997, p.114).

maior das unidades escolares I, considerei pertinente investigar todas as jubilações que nelas ocorreram desde sua fundação até o ano de desenvolvimento desta pesquisa. Fiz um estudo dos alunos jubilados desta unidade, relacionando os índices de jubilação no período de 1984/ 2001 com as diferentes normas de avaliação que vigoraram na escola nesse período. A escolha deste cotejo se deve ao fato óbvio das normas de avaliação interferirem diretamente na aprovação, reprovação e possível jubilação dos alunos, com o agravante de terem sofrido diversas e significativas modificações ao longo do período pesquisado (18 anos).

3º estudo) Outra investigação que se fez necessária foi a da trajetória escolar de alunos que ingressaram no colégio através de sorteio. Portanto, os 178 alunos que fizeram parte do grupo objeto de estudo desta etapa da pesquisa, ingressaram por sorteio na U. E. São Cristóvão I, em 1990, na alfabetização, e deveriam estar cursando a 3ª s. do e. médio em 2001. Meu estudo detalha os 12 anos do percurso escolar no C. Pedro II destas 178 crianças que compuseram, em 1990, as dez turmas de alfabetização desta unidade. Este estudo não se restringiu às U. Escolares de São Cristóvão porque o colégio possuía em 2001 dez unidades escolares espalhadas em cinco bairros do município do Rio de Janeiro e sendo usual a transferência entre unidades, precisei pesquisar nas secretarias e arquivos-morto de todas elas. As informações sobre o rendimento escolar desse grupo foram comparadas com estatísticas descritivas da secretaria de ensino do colégio, com os grandes números da educação básica no Rio de Janeiro e com as estatísticas educacionais sobre os ensinos fundamental e médio no Brasil.

4º estudo) Senti necessidade de ampliar a pesquisa, porque os dados trabalhados nos estudos anteriores diziam respeito a índices de trancamento de matrícula, transferência, evasão, repetência, jubilação, bairros de moradia e profissões dos pais e não forneciam informações detalhadas sobre o meio familiar e cultural dos alunos. Objetivando, então, analisar a relação entre a progressão nas séries, o rendimento escolar e as características socioeconômicas e culturais dos estudantes, apliquei questionários em pais de alunos das classes de alfabetização e em alunos do 3º ano do e. médio. O intento era identificar se havia uma diferença entre o perfil dos alunos que estavam iniciando seu percurso escolar e que haviam ingressado no colégio através de sorteio e o perfil dos que estavam terminando

o ensino médio, podendo ter ingressado por sorteio, concurso ou outra forma não padrão. A amostra representou 34,52% dos alunos da alfabetização e 16% dos alunos do 3º ano.

Esclarecida a amostra, exporei os critérios de confecção dos questionários. As questões foram elaboradas para levantamento de informações sobre as condições sócio-econômicas das famílias e uma aproximação do seu capital cultural.

As condições socioeconômicas dos alunos foram medidas pela renda da família, educação e ocupação dos pais e estrutura familiar.

As perguntas com intuito de obter uma aproximação do seu capital cultural incluíram diversos aspectos. Primeiro foram abordados os valores, atitudes e hábitos familiares na educação, através de questões sobre expectativa educacional e importância atribuída à educação (rotina favorável aos estudos, encorajamento dos pais, motivação e esforço despendido nas tarefas escolares, organização, participação nas aulas e frequência a cursos de língua estrangeira e computação).

Em seguida, foram analisados os hábitos culturais, padrão de consumo e estilo de vida, focalizando os seguintes aspectos: gosto e hábito relacionado à leitura, atividades em casa, participação em atividades culturais e esportivas, relacionamentos sociais, indicadores de autonomia x indicadores de conformismo e auto-avaliação como pessoa culta.

Silva (1993) argumenta que Bourdieu usa o conceito de capital cultural com enorme ambigüidade e abrangência, servindo para designar todas as formas em que a cultura reflete ou atua sobre as condições de vida das pessoas. Pondera ainda, que as tentativas para identificar alguns aspectos básicos do conceito recaem em noções tão entrelaçadas que esse esforço torna-se ambíguo e artificial. Desta forma, os aspectos culturais considerados nos questionários elaborados, refletem minhas prioridades.

O questionário para as classes de alfabetização tinha 50 questões e o questionário para o 3º ano tinha 93. Ambos os instrumentos possuíam 42 questões iguais. As oito perguntas diferenciadas para as classes de alfabetização versavam sobre o acompanhamento das atividades escolares pelos pais, seu investimento nos hábitos de leitura e no lazer com os filhos. Devido a pouca idade dos alunos, considerei importante detectar: o acompanhamento que os pais faziam das atividades escolares dos filhos, o costume de ler história para os mesmos, as horas de TV assistidas por dia e as viagens em família. A idade dos alunos do 3º ano, seu maior envolvimento com a escola, seu acúmulo de experiência

acadêmica, a iminência de término de um ciclo escolar e a proximidade com a fase adulta, propiciaram que mais perguntas fossem feitas para conseguirmos uma caracterização mais precisa.

A busca de diferentes maneiras para investigar um mesmo ponto – a experiência de democratização do acesso e da permanência na maior escola pública do Brasil — com fontes variadas de informação e diferentes métodos de coleta — traduzem uma forma de triangulação de fontes e métodos que é um procedimento utilizado para maximizar a confiabilidade dos resultados. Ou seja, o cotejo da análise dos alunos jubilados da U. E. São Cristóvão I com mudanças nas normas de avaliação do colégio, com a análise de percurso escolar de uma amostra de 178 alunos, com os resultados dos questionários que levantaram as características sociais, econômicas e culturais dos alunos, constituiu a tentativa de triangulação de fontes e métodos. Dentre as conclusões e recomendações da pesquisa, destaco:

1ª) O Colégio Pedro II não investiga o fracasso escolar

A Secretaria de Ensino do colégio não faz um estudo sobre a quantidade e condições das jubilações; não há registro da forma de ingresso dos jubilados. De todas as áreas⁹ abordadas nas suas estatísticas, a jubilação é a única que recebe um tratamento diferenciado. Os dados sobre jubilação estão incluídos no item sobre cancelamento de matrícula que o colégio aplica quando há birrepetência ou transgressão disciplinar. Os índices registrados representam, assim, uma estimativa dos birrepetentes jubilados, visto que incluem, também, os expulsos por problemas de indisciplina.

Faz-se necessário um acompanhamento efetivo da situação de rendimento dos alunos que se evadem, trancam matrícula e pedem transferência. Isto daria ao colégio um retorno do trabalho desenvolvido e condições de repensar a exclusão que se dá independente da jubilação.

2ª) Desvelamento da instabilidade e conseqüente fragilidade do sistema de avaliação do colégio

A pesquisa dos alunos jubilados da U. E. S. Cristóvão I indicou que além do expediente de jubilação de alunos, há outros instrumentos de limitação da escolaridade dos

⁹ Evasão, repetência, transferência, trancamento de matrícula, cancelamento de matrícula e dependência.

estudantes, que possivelmente os levam a uma auto-jubilação, antecipando um veredicto anunciado.

A expedição, por exemplo, de oito documentos normatizando o processo de avaliação nas U. Escolares I, que atendem do 1º ao 5º ano, fez com que num período de 18 anos houvesse oito mudanças nas normas de avaliação. Essas oscilações fizeram com que crianças com o mesmo rendimento tivessem desfechos opostos para suas trajetórias escolares.

Constatai, assim, que 49 dos 55 jubilados pela Unidade Escolar São Cristóvão I, desde o ano de sua fundação (1984) até 2001, tiveram seus destinos selados num período (1986 a 1995) de exacerbada exigência para aprovação; eles poderiam não ser excluídos da escola, se pudessem ter se matriculado um pouco antes ou um pouco depois do período citado.

3ª) O grupo de alunos que ingressou através de sorteio, em 1990, apresentou jubilações e reprovações acima dos índices do colégio

Quanto à trajetória escolar dos 178 alunos que foram sorteados em 1990 e constituíram, naquele ano, as dez turmas de alfabetização da U.E. S. Cristóvão I, 58 deles (32,58%) não terminaram sua educação básica no colégio. Destaco que os motivos mais frequentes para a interrupção da trajetória escolar desses alunos foram os pedidos de transferência de estabelecimento de ensino (26) e as jubilações (21). E a maior parte das transferências (53,84%) no grupo pesquisado foi solicitada para alunos que possuíam uma, duas e até cinco reprovações.

Se nos detivermos nos percentuais de repetência, verificaremos que no estudo de um período de 12 anos (1990 a 2001), o grupo pesquisado apresentou índices de repetência acima dos índices do colégio, em sete desses anos. Acrescenta-se a esta ocorrência a constatação da diminuição gradativa, na última década, das taxas de repetência do colégio, em oposição ao crescimento ano a ano, série a série, das taxas de repetência do grupo objeto de estudo. Podemos deduzir que esses alunos, quanto mais repetências acumulavam, mais impossibilitados ficavam de serem bem sucedidos, isto é, permaneciam no colégio, mas não tinham suas dificuldades sanadas. O estudo apontou também que dos 178 alunos investigados, apenas 48 (26,96%) conseguiram cumprir os 12 anos de percurso escolar sem repetências e chegar em 2001 no 3º ano do ensino médio.

4ª) A 5ª série merece atenção especial em termo de desempenho dos alunos

A 5ª série merece uma atenção especial em termos de desempenho dos alunos, visto esta pesquisa ter demonstrado que, dentre os que ingressaram no colégio através de sorteio, 66,66% cursavam a 5ª série quando foram jubilados. Sendo que ela também foi responsável por ¼ das repetências apresentadas neste grupo investigado.

Outra possibilidade, seria um acompanhamento efetivo da situação de rendimento dos alunos que se evadem, trancam matrícula e pedem transferência. Isto daria ao colégio um retorno do trabalho desenvolvido e condições de repensar a exclusão que se dá independente da jubilação.

5ª) O Colégio Pedro II realiza em seu interior um processo de seleção que reafirma e reproduz a distinção social

Em relação aos questionários aplicados em pais das classes de alfabetização e alunos do 3º ano do ensino médio, esta investigação pretendia, tendo por base os estudos de Pierre Bourdieu, detectar empiricamente a existência ou não da seletividade social no C. Pedro II. Utilizando o seu conceito de capital cultural pude fazer uma aproximação das realidades culturais de dois grupos de alunos do colégio. Os resultados comprovam que as famílias dos alunos que conseguem chegar ao 3º ano, apresentam vantagens socioeconômicas e culturais em relação às famílias das crianças que estão ingressando na alfabetização.

Essas vantagens expressam-se em rendas familiares maiores, maior escolaridade dos pais, menos responsáveis desempregados, mais responsáveis exercendo profissões que exigem formação acadêmica, mais cômodos nas moradias, maior posse de bens domésticos, maior quantidade de livros e revistas em casa, mais visitas às livrarias, maior acesso à internet, maior participação em atividades culturais e frequência a cursos de língua estrangeira. Enfim, as práticas e recursos acessíveis no interior das famílias do 3º ano em relação à cultura, são mais abundantes e facultam uma vivência mais desenvolvida e natural com a leitura. Podemos afirmar que as famílias das classes de alfabetização são menos dotadas de capital cultural, notadamente, das predisposições e crenças que constituem um leitor.

Posso então argumentar que se dá uma seleção social no interior do C. Pedro II, porque os alunos que estão no 3º ano e que cumpriram todo o percurso escolar oferecido

pela escola, provêm de segmentos sociais mais favorecidos, do ponto de vista econômico e cultural, do que os alunos que ingressaram por sorteio.

Certamente que o colégio já exerceu sua função de conservação social de maneira muito mais contundente, possivelmente no século XIX e na primeira metade do século XX. Não encontrei registros oficiais de casos de jubilação que tenham ocorrido nos primeiros cem anos do colégio, mas encontrei várias evidências de que eles de fato aconteceram. A ausência de registros de fracassos e a ênfase no êxito freqüente não podem mais nos fazer olvidar que muitas crianças e jovens não conseguiram ter sucesso no percurso escolar oferecido pelo C. Pedro II.

As comprovações desta etapa do trabalho sugerem mais alguns estudos, como por exemplo, uma análise dos aspectos curriculares que dão base à seletividade, ou seja, um estudo detalhado das exigências escolares que acabam por excluir com maior incidência justamente aqueles alunos que conseguiram seu ingresso através do sorteio de vagas.

6º) Desdobramento do tema desempenho escolar x escola pública brasileira, onde fica o sucesso escolar?

O tema desempenho escolar x escola pública brasileira continua como uma das questões de meu interesse e a partir do término dessa pesquisa colocou-me novas indagações: - a) Quais seriam as experiências, características e condições que favoreceram a permanência dos alunos sorteados, levando-os a cumprir com sucesso o percurso escolar de 12 anos oferecidos pelo colégio, enquanto outros com origem parecida tiveram desfechos escolares tão opostos? – b) Por que a polêmica em torno dos principais determinantes do desempenho - origem social x escola – continua sendo uma provocação à pesquisa, estando longe de um dimensionamento definitivo?

A pesquisa bibliográfica sobre os percursos escolares de alunos das classes populares revela textos que em sua maior parte, enfocam as desigualdades e o fracasso escolar.

Tendo a sociologia mostrado nos anos 60 e 70 uma correlação estatística entre a origem social dos alunos e sua trajetória escolar, Charlot (1996) perguntava-se porque era tão fácil mostrar o fracasso das crianças dos meios populares e tão difícil obter uma explicação diante das que obtinham sucesso. As teorias da reprodução teriam deixado de fora de seu campo a história singular desses alunos no sistema escolar; pareceu-lhe então importante, levar em conta essa singularidade para compreender as possibilidades de sucesso dos casos

marginais e desvelar as formas modernas de desigualdade social nesse terreno. Empreendeu sua pesquisa tentando repensar o modo como se tratava o fracasso escolar e tentando identificar os processos que estruturam a história dos jovens nas escolas.

Setton (2005) estudou a articulação das configurações familiares e as estratégias pedagógicas que potencializaram trajetórias de êxito acadêmico entre alunos oriundos de segmentos com baixa escolaridade. Para isso, desenvolveu um estudo¹⁰ qualitativo sobre alunos de origem popular (com baixos rendimentos e pequena herança de uma cultura escolar) que ingressaram nos cursos considerados de elite¹¹ da Universidade de São Paulo.

A autora tentou compreender essas trajetórias segundo a perspectiva utilizada por Lahire¹², mas não se restringiu apenas à sua idéia de configuração entre as instâncias da família e da escola. Sua hipótese era de que o estudante brasileiro investigado se socializa a partir da interdependência de sistemas híbridos construídos na família e na escola, mas também por um sistema difuso de conhecimentos e informações veiculado pela cultura das mídias. Sua pesquisa propõe a ampliação do entendimento do conceito de capital cultural, garantindo o sentido que o qualifica como um novo elemento de poder e diferenciação social, mais especificamente, propõe uma melhor compreensão deste conceito nos segmentos populares.

Silva (1999) também investigou explicações para o acesso de diversas pessoas dos setores populares à universidade, enquanto muitas outras com características socioeconômicas e culturais aparentemente similares eram excluídas do sistema de ensino. Ressalto algumas considerações propostas pelo autor na sua tentativa de escapar da simples descrição das trajetórias e apreender a dinâmica do jogo que envolve as disposições herdadas e desenvolvidas pelos alunos: a) A capacidade cognitiva não é o elemento mais significativo para a permanência do aluno, teria mais significado sua posição nos campos escolar e familiar.¹³ b) A competência institucional é posta em destaque; ela seria a

¹⁰ Seu trabalho faz parte do relatório final de uma pesquisa (*Trajetórias acadêmicas: um estudo sobre as estratégias de transformação da ordem*) empreendida entre os anos de 2000 e 2002 na École de Hautes Études em Sciences Sociales, Paris e na Faculdade de educação da USP.

¹¹ Administração, arquitetura, editoração, relações públicas, direito, rádio/TV.

¹² Setton considera que dentro dos estudos franceses destaca-se a contribuição de Lahire porque ele, diferentemente de outros estudiosos que apontam apenas um ou mais aspectos favoráveis ao sucesso acadêmico, de forma original, pesquisa o sucesso escolar dos meios populares como resultado de um feixe de condições culturais favoráveis.

¹³ Esta posição advém de uma série de variáveis que incluem a inteligência institucional (compreensão sobre as regras do jogo no campo escolar e a maneira de jogar com elas, boa vontade cultural quando se assimila

capacidade de assimilar com pouca compreensão os conhecimentos desenvolvidos pela escola e considerados importantes para o futuro e de tirar boas notas, mesmo achando que esses conhecimentos não sejam importantes para a vida. Esta capacidade revelaria uma aguda sensibilidade para o jogo nos campos institucionais, onde em alguns momentos, o alcance dos objetivos imediatos é mais importantes que a defesa de posições mais arraigadas.

Além das pesquisas citadas, ao buscarmos o tratamento dado ao sucesso escolar em periódicos¹⁴ de grande inserção em nosso meio educacional, mapeando, por exemplo, o site da Capes e consultando todos os artigos que foram publicados nos últimos quatro anos, constatamos que dos 71 textos pesquisados no período de 2002 a 2005, apenas cinco abordavam direta ou indiretamente este tema. O mapeamento evidenciou que há vários parâmetros para se operacionalizar o sucesso escolar, portanto, um leque de opções se apresenta para o estudo das trajetórias escolares bem sucedidas: a) mesmo sendo o currículo objeto de polêmicas e interpretações, deve-se analisar os programas curriculares, já que eles deveriam ditar as formas e as normas de excelência escolar que definem o sucesso (Perrenoud, 2003); b) verificar a importância da metacognição para os processos de aprendizagem, isto é, auferir se as escolas promovem a cultura do pensar, estimulando e promovendo o raciocínio dos alunos (Davis, 2005); c) focar os processos de avaliação porque não temos, por exemplo, informações em nível macro sobre os alunos que são indicados para as aulas de reforço ou que recebem conceitos como “insuficiente” ou “insatisfatório”, porque são informações que circulam apenas no âmbito da escola ou só do professor (Carvalho, 2003) e d) examinar se há uma prática de escolarização que redefina a estrutura seletiva do nosso sistema de ensino, repensando a cultura da reprovação, revendo o sistema seriado, o currículo gradeado, etc. (Arroyo, 2000).

7ª) A conquista democrática do sorteio para as classes de alfabetização é uma conquista ainda limitada

com disciplina, mas pouca compreensão - os conhecimentos veiculados pela escola, considerados importantes para o futuro) e a classificação familiar entre filhos/irmãos que são capazes para a escola e os que não gostavam/não conseguiam aprender.

¹⁴ Os periódicos escolhidos foram: Cadernos de Pesquisa, Educação e Sociedade, Revista Brasileira de Educação, Cadernos Cedes, Currículos sem Fronteiras (publicação que pretende um diálogo entre países de Língua Portuguesa), Educar em Revista (revista eletrônica da Universidade Federal do Paraná) e Educação e Pesquisa (revista da Faculdade de Educação da USP).

Nos tempos atuais, em que se discutem no país as políticas afirmativas de inclusão educacional, pareceu-nos importante explicitar os mecanismos internos de uma instituição que, a despeito dos critérios democráticos de ingresso, acaba por reconduzir à exclusão escolar. A conquista democrática do sorteio para as classes de alfabetização (atual 1º ano) é uma conquista ainda limitada. Outras políticas deverão ser associadas a ela para que se realize um processo mais profundo de democratização. A presença do concurso (exame seletivo) para o 6º ano e para o ensino médio traz efeitos paradoxais. De um lado, mantém a escola sintonizada com aquilo que predomina na sociedade como sendo padrão de escola de qualidade. De outro, ratifica uma concepção de qualidade preestabelecida e dificulta políticas mais radicais de discussão dos meios para se alcançar a qualidade bem como da própria noção de qualidade em educação.

A triangulação que realizamos nos mostrou que permanece sendo verdadeiro o fato de que a escola pública brasileira, e especialmente, a escola pública considerada de qualidade, realiza em seu interior um processo de seleção social que reafirma e reproduz a distinção social, fazendo uso, para isso, da desigual distribuição entre classes e frações de classe, de uma forma específica de capital, o capital cultural.

Entretanto, percebemos também, no Colégio Pedro II, uma tendência de maior tolerância e busca de soluções pedagógicas efetivas para os alunos que fracassam. Essa tendência está presente no discurso dos professores, nas práticas pedagógicas e nos resultados efetivos dos últimos anos, que revelam uma diminuição de reprovações e jubilações.

Seja como for, a imagem da escola de qualidade, tão forte nessa sesquicentenária instituição escolar, poderá assumir inovadora feição se puder garantir qualidade para todos e não apenas para os que a ela chegam em condições culturais privilegiadas.

Bibliografia

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa qualitativa e quantitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. IN: NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio (orgs.) *Pierre Bourdieu – Escritos da Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998^a.

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. *Cadernos de Pesquisa*, n.º, maio, p.47- p. 63, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1996.

COLÉGIO PEDRO II. *Internato do Imperial Collegio de Pedro II*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1885.

----- . *Os bacharéis em letras pelo Imperial Collegio de Pedro II e Gimnasio Nacional*. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Commercio, 1897.

----- . *Internato do Gimnasio Nacional do Rio de Janeiro*. Lisboa: Typografia de A Editora, 1909.

DORIA, Escragnolle. *Memória histórica commemorativa do 1º centenário do Colégio Pedro II (1837 – 1937)*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1862, 2 v.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins, NOGUEIRA, Maria Alice. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contradições. *Educação & Sociedade*, ano XVII, n.º. 78, abril de 2002.

----- . Convertidos e oblatos – um exame da relação classes médias/ escola na obra de Pierre Bourdieu. *Educação, Sociedade e Cultura* nº7, 1997.

SEGISMUNDO, Fernando. *Colégio Pedro II – Tradição e Modernidade*, Rio de Janeiro: Unigraf. Ed., e Planejamento, 1987.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. *Educação & Sociedade*, vol.26, n.º90, jan./abr. São Paulo, 2005.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. *Reprodução de classe e produção de gênero através da cultura*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO/UFRJ, 1993. Tese (Doutorado em Educação).

SILVA, Jailson de Souza. “*Por que uns e não outros?*” *Caminhada de Estudantes da Maré para a Universidade*. Departamento de Educação da PUC do Rio de Janeiro, 1999. Tese (Doutorado em Educação), cap.4 – Por que uns e não outros, p.120-148.

“Sem estudar o Colégio Pedro II, não se compreende a instituição pública nacional” (historiador Escragnolle Doria, apud Segismundo, 1987).

